

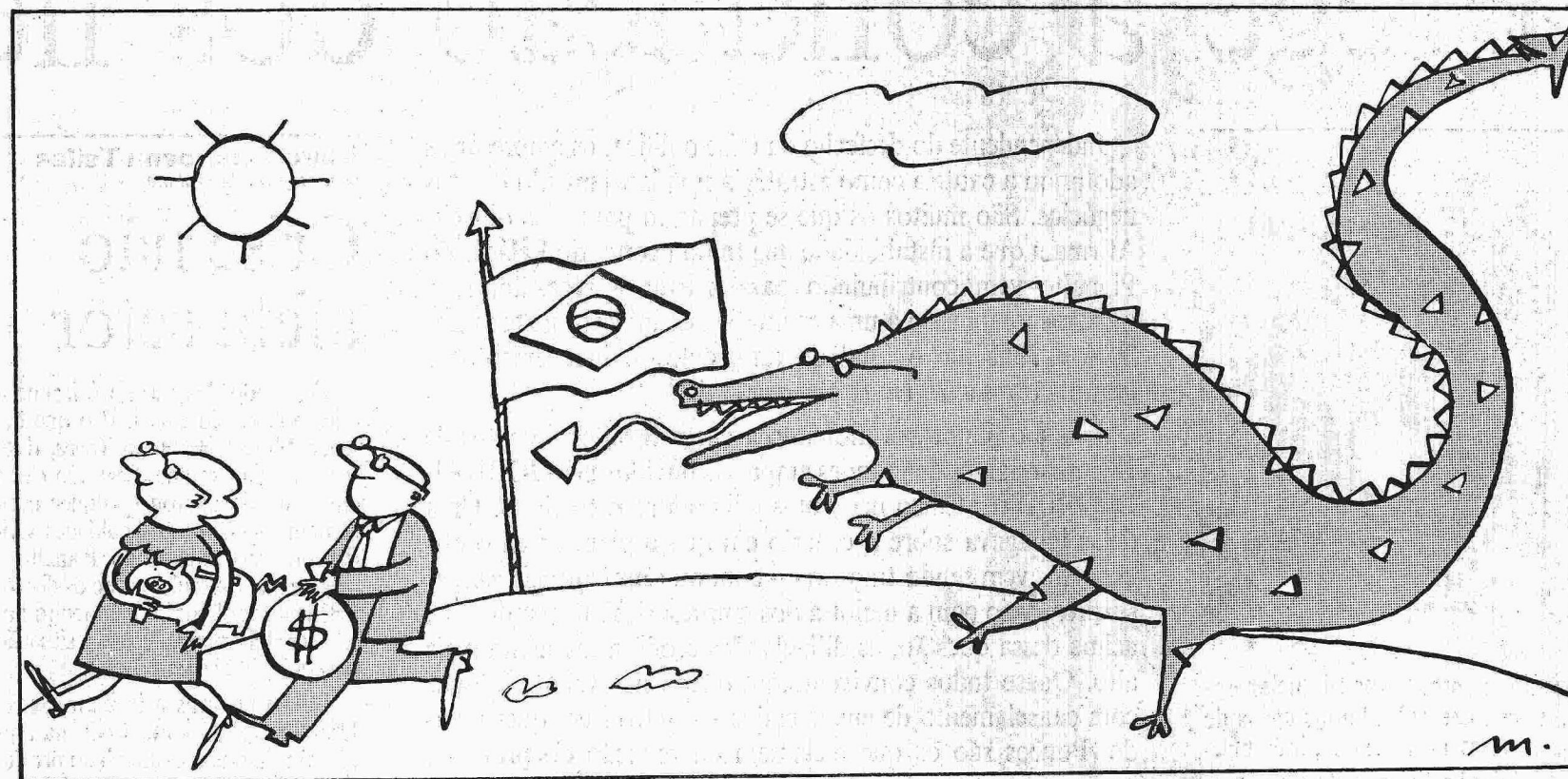
Brasil trabalha em ritmo de estagflação

Massarani

Eleno Mendonça e
Nilton Horita

SÃO PAULO — O país do Carnaval está de novo em ritmo de estagflação, uma aberração dentro do conceito econômico ortodoxo de que a baixa atividade produtiva, associada a salários ruins e desemprego, devem sempre significar inflação em queda. Mas no Brasil a relação entre oferta e procura não vale. Há mais oferta que procura e nem por isso o índice inflacionário cai. Para o economista e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, a questão é cultural. "No país aprendeu-se a conviver com taxas altas, mas há um fato novo neste momento econômico. As pessoas aprenderam a se defender da corrosão inflacionária", diz Mailson. Para ele, é um instante rico até para os meios acadêmicos. "Todos deveriam captar o fato de que assim como todo brasileiro é um pouco técnico de futebol, aprendeu a ser um pouco economista e a agir para preservar as suas economias e o seu patrimônio."

Neste cenário de indexação informal, em que cada empresário e cada cidadão não perde de vista as páginas econômicas para não incorrer em prejuízo, resta como consolo o fato de que a inflação dificilmente irá explodir. A convicção é do economista Paulo Mallmann, diretor financeiro do Banco Mercantil de Crédito. "Não vejo condições para a inflação cair dos 20%, mas também não acho que crescerá a ponto de superar os 30%." Com afirmações como estas, até o simples cidadão treme e sente calafrios, já que tudo indica que a atual política econômica não será suficiente para fazer a taxa cair, como dizem as autoridades econômicas. Mailson acha que nada há para temer. Afinal, na sua opinião, a estagflação atinge o Brasil há muito tempo. Quem saberia dizer quando a recessão começou? Para ele, há mais de dois anos e nem por isso a inflação caiu.



Distribuição de renda — Carlos Luque, presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo, diz que só com distribuição de renda se corrige essa manutenção de índice. "A recessão, está provado, não é suficiente", acredita. Malmann atribui a taxa alta à forte indexação da economia: "Creio que 60% do PIB são indexados, o que representa a renda de capital. Outro motivo é a incerteza, que impede que a queda da demanda reduza a taxa de juros."

De acordo com Mailson da Nóbrega, é interessante para os padrões históricos avaliar os efeitos da estagflação no Brasil. "O salário real médio, na Grande São Paulo, perdeu 40% reais desde 1985, mesmo assim o volume de depósitos em caderneta de poupança tem crescido." O ex-ministro, com base nesses números, não hesita em afirmar que a situação levou a um processo que ele chama de "empobrecimento do consumo".

As pessoas, em outras palavras, reduzem a propensão de consumir e levam as indústrias às exportações. O comércio é que padece com tudo isso. Segundo a Federação do Comércio paulista, mesmo que a cada mês do segundo semestre se experimentasse um crescimento real nas vendas de 15%, ainda assim se fecharia o ano no zero a zero em relação a 1991.

Na opinião de Mailson da Nóbrega, a reforma fiscal tem de ser aprovada, caso contrário — sem medidas artificiais heterodoxas, de efeito temporário rápido — não se põe fim à estagflação. Neste ano, diz, o ministro Marcílio terá de conviver com vários efeitos sazonais: a entressafra na agricultura e pecuária, o novo salário mínimo em setembro, os dissídios de categorias importantes como bancários e petroleiros e a mudança de estação em outubro, mês que sempre revelou ta-

xa mais alta que a de setembro. "Acho que a inflação pode chegar a 25% em outubro, mas também considero que pode voltar aos patamares atuais em novembro e dezembro, se nada der errado", afirma Mailson.

Desindexação — Paulo Malmann acredita que o caminho é a desindexação da economia. Para isso tem-se que levar os agentes econômicos a terem expectativas mais positivas em relação aos índices futuros. "Isso se faz com credibilidade. A sociedade precisa ter confiança no futuro, ter horizontes. A privatização deve continuar, o setor público deve se manter fora do mercado como tomador de recursos e a dívida pública não deve crescer." Mas o Congresso também tem grande parcela de responsabilidade, diz Malmann. "O Congresso pode muito bem votar o impeachment

do presidente enquanto vota a reforma fiscal."

Para os economistas, a palavra confiança, no caso brasileiro, seria o único antídoto para combater a estagflação. Eles acreditam que só com retomada dos investimentos e do pleno emprego, associada a taxas de juros menores, se poderá lentamente retomar o crescimento, de forma cadenciada e lenta, que evite uma escalada das remarcações. Neste sentido, Mailson está tranquilo. Ele conta com a enorme ociosidade no setor industrial, que não dá brecha a elevações de preços nem a crescimento brusco de margens de lucro.



Mailson da Nóbrega

Maioria não conhece termo

SÃO PAULO — O termo estagflação é muito usado nas páginas econômicas dos jornais como se fosse comum entre os brasileiros. Dentro do que se convencionou a chamar de economês, a palavra pode parecer de fácil entendimento, mas a maioria das pessoas desconhece o seu significado e origem. Estagflação é uma adaptação brasileira de stagflation, que surgiu nos Estados Unidos na metade da década de 70. Até então, os manuais de economia eram claros: toda vez que a atividade econômica se reduz, a inflação cai, naturalmente. Naquele período, contudo, a economia americana entrou em processo recessivo e nem por isso a taxa inflacionária baixou. A este fenômeno se deu o nome de stagflation.

O Brasil é pródigo em contrariar qualquer teoria. Houve a associação de alta inflação com crescimento econômico, em 1984 e 1989; houve o caso de atividade alta e inflação declinante, como na época do milagre econômico do ministro Delfim Netto, que vigorou de 1968 a 1973. Nessa fase o país crescia à média anual de 11% e a inflação caiu de 40% para 15% anuais. No momento, o país está em estagflação, ou seja, a economia é depressiva mas o índice que mede a evolução mensal de preços se mantém alto, em torno de 20%.